

O castro de S. Vicente da Chã fica num cabeço abraçado na maior parte da sua extensão pelo Rabagão. É um castro relativamente pequeno. No lado noroeste é patente um alinhamento da muralha numa extensão dos seus 70 a 80 m, a que se segue na encosta uma espécie de degrau ou plataforma onde algumas fiadas de pedras, que se vêem aqui e ali, devem corresponder a restos de casas circulares.

À superfície apanharam-se bastantes fragmentos de cerâmica, granosa e micácea, de várias espessuras e colorações. Cerâmica castreja típica.

Particularmente interessante é uma escavação ovóide, com a profundidade de cerca de 40 cm e tendo de boca 71 cm  $\times$  80 cm, aberta no encontro de duas superfícies uma mais ou menos horizontal e a outra vertical, superfícies feitas a pico num rochedo de xisto.

À escavação sistemática dum castro tem sempre interesse, e é de crer que a deste forneça elementos de certa valia para o estudo da cultura castreja trasmontana.

Por isso é digna de registo, e de louvor, a atitude da HICA em subsidiar escavações a fazer naquele castro.

Para uma primeira campanha projectada para o verão de 1963 a Empresa votou uma verba de 5.000\$00 esc., concedida à Sociedade Portuguesa de Antropologia, comunicada em officio de 21 de Setembro de 1962.

A escavação que se pensa fazer permitirá explorar uma ou outra zona do castro. Os resultados dirão se valerá a pena prosseguir em novas campanhas.

SANTOS JÚNIOR

---

## O porco na Etnografia Ibérica

(Subsídios)

Na Etnografia ibérica e, particularmente, na lusitana, há um elemento vivo de grande importâcia — o porco — quer seja na forma doméstica quer na selvagem.

Estes dois estados permitem que um deles — o da forma selvagem — atinja a culminância de «divina» com a qual é aconselhável estar em boas graças. As diversas figuras de *porco*, que

a cada passo se encontram, são, sem dúvida, os vestígios dum culto muito peculiar às regiões do Norte, incluindo a Galiza.

Há nas inscrições Peninsulares recolhidas por HÜBNER, quer no *Corpus* (vol. II), quer nos *M. L. Ibericae*, frequentes referências ao porco — quer doméstico, quer selvagem — que, por não terem sido devidamente esclarecidas, nunca foram postas em evidência.

Ainda que não seja meu intuito fazer qualquer estudo sobre o porco, vou, contudo, destacar algumas inscrições que podem servir a quem o desejar fazer em profundidade.

## I

Como divindade ligada a *Marte*, numa das suas metamorfoses, a de javali, para matar *Adónis*, vd. a inscrição de *Tuy* (Cf. *Relig. da Lusit.*, v. III, págs. 6-7, e a correcção posterior de F. BOUZA-BREY in *Rev. de Guimarães*, vol. LXII, n.º 1 — 1953, págs. 140-144).

## MARTICAPRIOCIECO

*Marti* κάπρισι(ά)-eco.

V. *A Marte, na divina forma de javali.*

de κάπριος + σιά + o sufixo ibérico — eco (dat. de *ecus*).

## II

Inscrição de *Lourizán*, Espanha, referida por F. BOUZA-BREY como *VESTIO ALONIECO*, *deidad galaica* (in *Arch. Esp. de Arqueologia*, 1946, pág. 110).

## VESTIOALONIECO

ὑες τῶ ἄλωνι — eco (dat. de *ecus*).

V. *Os porcos que eu adore no halo luminoso (no sol).*

O ilustre Arqueólogo dividiu o conjunto em duas partes apenas — *vestio* + *aloniéco* —. Eu fragmentei-o em quatro partes, ou seja, o que está acima: — VES TIO ALONI ECO em que o último elemento é o sufixo ibérico de adjectivação, *eco*, dat. de *ecus*.



## III

A inscrição a seguir é de Beiriz (Cf. *Póvoa de Varzim*, «Boletim Cultural», ed. da C. M. da Póvoa de Varzim, vol. II, n.º 2, 1959 — págs. 201-208).

VIEANI  
 ΔVSIBN  
 DVIOCCLE

.....  
 .....  
 .....

βίη ἀντα ὡσι βάν δότις κλη[ρος].

V. *O emprego da força e o cuidado com os porcos — pesada herança — foram-se (acabaram).*

Não sei se as três linhas que aqui destaquei, correspondem a uma divindade polinómica ou não; fundamenta-se esta dúvida na falta do sufixo ibérico. Daqui poderá inferir-se que não seja divindade, mas apenas um voto feito por um liberto chamado *Cornelio* que passou a vida a forçar porcos, na matança.

## IV

A inscrição seguinte onde se fala, sem dúvida, de porcos bravos, é a célebre inscrição de *Lamas de Moledo*, referenciada pela primeira vez em 1630, por MANUEL BOTELHO RIBEIRO PEREIRA (Cf. *Diálogos Moraes, Históricos, Políticos*, etc. Viseu, 1630, Cap. XVI, folha 83 v. e folha 85; manuscrito existente na Biblioteca M. do Porto).

Depois deste, falaram dela, o cónego JOSÉ DE OLIVEIRA BERARDO, em 1857; a seguir HÜBNER e GURLITT. Em 1935, HERNANDO BALMORI (Cf. *Emerita*, tom. III, 1935, págs. 77-119) faz um longo estudo com frágeis conclusões e, por último, o autor destas linhas que aproveita a circunstância para fazer algumas correcções sem desprezar os pontos.

.....  
 .....

VEAMNICO.RI  
 DOENTI

ANC · OM  
 LAMATICO · M  
 CROVCEAIMAC · A  
 REAICOI · PETRANIOIT —  
 ΔDOM · PORCOMIO · VEAI  
 CAELOBRICOI ·

βίαν νικῶ· ῥιδῶ ἦν τι ἀγκῶν·  
 λαματικῶν· χρωῶ οὐ χέαι μάχα·  
 ῥέα ἴ χοί· πετρῶνιοι τ' ἄδον·  
 πόρκων ἰῶ· βίαι κηλοθρίκοι·

- V. *Eu domino a força que consolide!*  
*Se algum dos audaciosos dos vales*  
*não deixar cair a pele facilmente,*  
*por si, no combate, então os importunados*  
*pelas pedras com boa razão grunham:*  
*— As forças para um só dos porcos,*  
*ó cidadãos dos dardos! —*

## V

A inscrição seguinte é de achado muito recente. Foi descoberta em 1959 pelo Prof. Dr. ADRIANO VASCO RODRIGUES, no *Cabeço dās Fráguas*, Serra da Estrela, próximo da Guarda, numa enorme «bola» de granito conhecida por «Pedra da Moira».

No local há vestígios dum *crasto*. Desta inscrição deu sumária notícia, em 1959, na revista *Beira Alta*. Em 1960, na mesma revista, apresentei a sua interpretação que é, aproximadamente, a que aqui se exhibe:

OILAM · TREIOI · AU ·  
 INOI · PORCOM · LAMBO ·  
 COMAI AM · ICCONA · LOIM  
 ΙΑΙΝΑ · OILAM · VSSEAM ·  
 TREIII · AVNE · INOI · TAVROM  
 APAΘEM  
 REVSEIM

οἱ λᾶν τρεῖ οἱ αὖ ἴν' οἱ πόρκων λᾶν βῶ  
 κόμαι ἂν ἴσχον ἅ λοιμῖα ἴ  
 νᾶ οἱ λᾶν ὕς σ'εᾶν τρεῖ εἰ αὖ νῆ  
 ἴν' οἱ ταυρῶν ἀπαθῆν βεύσειν·

- V. *Até que ponto receia ele olhar? Até que ponto pois,  
para eu ter de ir com ele olhar o porco,  
se as folhagens impedem? A peste corre por si própria!...  
Até onde o javali te deixar olhar, então, sim, receia-o,  
porque mudando-o em touro não sofre haver de correr!*

## VI

A inscrição seguinte é de *Arroyo del Puerco*, Espanha, e foi recolhida por HÜBNER (*C. I. L.*, II, 739) sem porém, a interpretar.

ḄOEMINA · INDI · ENV  
PETANIM · INDI · AR  
IMOM · SINTAMOM  
INDI · TEVCOM  
SINTAMO

βῶ; ἔμ[ε]ἰνα [ε]ἰν Δι  
ἦν οὐκ ἦτ' ἄν ἰν  
[ε]ἰν ἀρ' ἰμ' ὄν  
σ' ὄν ταμῶν [ε]ἰν Δι  
τεύγον σ' ὄν ταμῶ!

- V. *Que eu vá?  
Fiquei! Com o poder de Zeus estava!  
De maneira nenhuma estarieis para si, com o poder de Zeus!  
Será que te mutilando o porco, realmente, com o poder de  
Zeus, fabricavam a cobertura?  
Que eu te mutile o porco!*

## VII

Esta outra inscrição é da mesma região da anterior — *Arroyo del Puerco* — e apresenta-se com as mesmas características. Foi também recolhida por HÜBNER. Já foi por mim discutida e, para isso, acrescentei-lhe substância na suposição de que apenas continha as raízes das palavras. Depois de publicada, confrontando-a com a anterior, pude verificar que a substância existia completa no corpo da inscrição sem necessidade de quaisquer acrescenta-

mentos e que ambas as inscrições tinham analogias e, ainda, que possivelmente, uma, seja complemento da outra.

AMBATVS  
 SCRIFS  
 CARLAE PRAISOM  
 SECIAS · ERBA · MVITIE  
 AS · ARIMO · PRAESO  
 NDO · SINGEIEYO  
 INI · AVA · INDI · VEA  
 VN · INDI · NEDAGA  
 ROM · TEVCAECOM  
 INDI · NVRIM · I Γ Γ  
 VDEIEC · RVRSE: :CO  
 AMPILVA  
 INDI

*Ambatus scripsi*

Κάρ λάε πρα[ε]ϊ σῶν σε κ[ε]ϊ ἄς  
 ἤρ βᾱ μῶι τι ἕας ἀρ'ίμῶ  
 πραε[ι] σῶν; δῶ σῶν γῆ εὐοίη[ε]ϊ  
 αῶ ἄ [ε]ϊν Δι βία σῶν [ε]ϊν Δι  
 νῆ ὄζγα ρῶν τευχαέκων  
 [ε]ϊν Δι νοῦ ρῶν I Γ Γ  
 ὕδει ἐκ ρ'ούρ[ε]ϊ σε: :  
 κῶ; ἀμπίλου ἄ [ε]ϊν Δι!

V. *O Cário olhava.*

*A Primavera, com o calmante das aves que cantam, chegou, tanto que tens vontade de te estender.*

*Porque estavas? Por causa do rato?*

*Será que tiro água do poço com o calmante das aves que cantam?*

*Que ele te possa dar o porco com a terra!*

*Ela produzia então bom vinho, ao mesmo tempo com o poder de Zeus?*

*À força?*

*Como se disse, com o poder de Zeus; sim, por causa da manha dos fluxos de ventre a preparar recusa.*

*Para si próprio, com o poder de Zeus em pensamento, o dó, ré, lá, canta, depois, urina-te, com certeza.*

*Como?*

*Em cima da cobertura, juntamente com o poder de Zeus!*

VIII

Remato estes breves subsídios com uma inscrição bastante curiosa gravada em caracteres arcaicos ibéricos em escrita retrógrada.

É de *Sierra de Gados*, Almeria, Espanha, e foi recolhida por HÜBNER, nos *M. L. Ibericae*.



4 — «Havendo de voltar lá, a seguir, depois que se ponha de pé; cada vez, execução: 3...?»

Suponho que este seja o documento mais antigo sobre alveitares, pelo menos na Península Ibérica.

Com esta termino aqui este pequeno rol de inscrições Peninsulares onde se faz referência ao porco.

ROGÉRIO AZEVEDO

Prof. da Escola Superior de Belas-Artes  
do Porto e do Cons. Director da S. P. A. E.

## Etnografia Açoriana

### Nótulas de viagem

#### Arribanas

Na Ilha de S. Miguel o milho é secado em secadouros do feitto de pirâmide seccionada e prolongada (a foto dá clara ideia do formato), denominados *arribanas* (Est. 1, fotos *a* e *c*) e semelhante aos usados no baixo litoral do Entre Douro e Minho e na Maia, para arrumar a palha milha, onde se chamam *cabanas*.

Em Ponta-Garça e Vila Franca do Campo, e todo o sudoeste, as hastes (hoje de criptoméria), são pregadas e ajustadas pelos topos.

Na Povoação Faial e nordeste, são atadas de cruzeta, com vergas.

A palha é guardada com a espiga.

Palha e espiga são retiradas à medida das necessidades, e a espiga é então *ralada* numa pedra de basalto igual às tábuas de lavar do continente. A foto da Est. 1, fig. 1 *f*, mostra bem o trabalho.

Em Santa Maria chama-se *cafua* à arribana.

#### Vacas à corda

As pastagens, as maravilhosas pastagens das formosas, úberes e ferazes colinas da Ilha — são cortadas de quadriláteros irregulares, cada um seu *pasto*, separados por pequenos taludes de terra batida, chamados *bardos*, forrados a hortenses (aqui denominadas *novelões*). Pastagens bravas, incultas, que se surribaram